

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

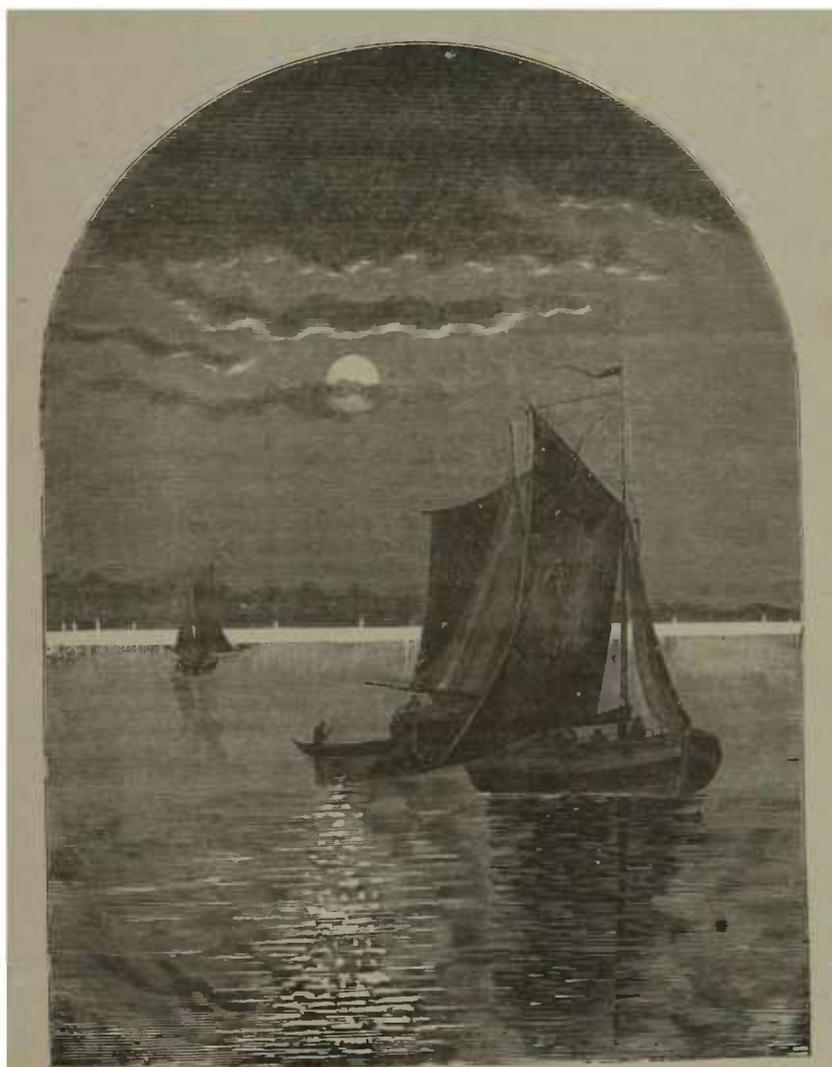
ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 16 DE OUTUBRO DE 1886

DIRECTOR E PROPRIETARIO—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. II—N. 94.

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36



EFFEITO DE LUAR NA BAHIA DO RIO DE JANEIRO
DESENHO E GRAVURA DE ALFREDO PINHEIRO

REDACTORES
Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,
A. de Souza e H. de Magalhães

SECRETARIO
ARTHUR MENDES

GERENTE
G. CABRAL

SUMMARIO

Expediente.....	A REDACÇÃO
« A Semana ».....	FILINDAL.
Historia dos sete dias.....	R. CORREA.
Soror pallida, soneto.....	A. A. L. VIEIRA.
Palestras femininas.....	V. M.
Notas bibliographicas.....	O. BILAC.
Beijo eterno, poesia.....	M.
Jornaes e revistas.....	PASSEPARTOUT.
Aqui, ali, acolá.....	P. TALMA.
Theatros.....	H. MAGALHÃES.
Os olhos, poesia.....	DR. SAHEN.
Conselhos salutareos.....	L. M. BASTOS.
Sport.....	FR. ANTONIO.
Tratos á lóia.....	ENRICO.
Factos e Noticias.....	
Correio.....	
Recebemos.....	
Anuncios.....	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CORTE

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

PROVINCIAS

Semestre.....	5\$000
Anno.....	10\$000

Aos nossos assignantes em debito, que residem em Pouso Alegre e no Congonhal, rogamos a fineza de se dirigirem ao Sr. Francisco Ribeiro Pinto, na primeira d'aquellas localidades, o qual, munido dos competentes recibos, obsequiosamente se nos prestou a fazer a cobrança.

Está concluida a remessa do premio *Vinte Contos* aos nossos assignantes de anno, do interior, que nos têm enviado os sellos para o respectivo porte.

A'quelles que ainda o não fizeram e que desejarem receber o premio, rogamos se sirvam habilitar-nos a fazer-lhes a referida remessa, enviando-nos os competentes sellos.

Receberá um exemplar dos *Vinte Contos* quem tomar uma assignatura d'*A Semana* por um anno, em qualquer dos seguintes logares:

Rua do Carmo, 36
Livraria Faro & Nunes,
Livraria Laemmert,
Empreza Litteraria Fluminense, rua Sete de Setembro, 1
Charutaria do Café Brazil (com o Sr. Bittencourt).

Café Central, rua da Quitanda, esquina da do General Camara.

Typographia Central, Trav. do Ouvidor, 7.

Fonseca Braga & Filho, rua do Ouvidor, esquina da da Quitanda.

Charutaria do ponto dos bonds de Villa Izabel, e

Filial da Casa editora David Corazzi, rua da Quitanda, 38.

Casa Dolivaes Nunes, em S. Paulo.

SR. L. CAMINHA—Bananal de Magé—O premio *Vinte Contos* foi remetido a V. S. pelo correio de S do corrente.

A SEMANA

Quando appareceu *A Semana* — e ainda hoje, Deus louvado! — embirraram os povos em chameal-a *A Semana Illustrada*. Não havia meio de evitar essa calamidade!

E por mais que procurassemos provar que, embora illustrada — como toda folha que se preze — a nossa era *A Semana* — simplesmente, singelamente, sem mais na a — os diabos dos povos continuaram a embirrar. Depois, entrámos a dar, de quando em quando, uma illustração, e, desde ahi, cessamos de protestar contra a confusão que faziam d'esta com aquella antiga e saudosa folha dos irmaos Fleiuss, que fez o encanto e a alegria dos nossos paes e da nossa infancia, porque desde que somos *Semana* e damos *illustrações* — que diabo! — havia rasão de se nos chamar *Semana*... illustrada.

Agora, menos ainda do que d'antes, podemos eviar essa qualificação porque estamos habilitados a publicar frequentemente uma illustração, que será desenhada por alguns dos nossos mais reputados desenhadores e gravada sobre madeira pelo habilissimo xylographo Alfredo Pinheiro. Cremos que os nossos assignantes não levarão a mal que lhes offereçamos, de quando em quando, uma boa gravura de desenho original e bom.

Sim... esperamos que não se hão de zangar connosco por tão pouco...

Peia gravura que hoje damos, e que é uma bella prova de quanto está adelantada entre nos a arte xylographica e do grande merecimento do modesto artista encarregado de gravar os desenhos para a nossa folha, poderão os nossos assignantes avaliar das promessas que lhes fazemos.

Das nossas gravuras, porém, o grande successo vai ser a

GALERIA DO ELOGIO MUTUO

Ha muitos annos que, quando qualquer sujeito quer descompor um poeta ou um jornalista dos chamados *da nova geração*, o ultimo insulto que lhe atira é este: — « O Sr. Fulano faz parte da panellinha do *elogio mutuo*! ». E' esta sempre a extrema accusação, o derradeiro doesto, a phrase que resume todo o aviltamento do escriptor e todo o despreso de que o julgam digno.

Nenhum alma do diabo reflectio ainda no sentido d'essa phrase, no valor negativo d'essa accusação. E o mais estranho, o mais original, o mais espantoso — é que essa mesma phrase tem sido muitas vezes lançada mesmo por jornalistas, mesmo por poetas, mesmo por escriptores, emfim, contra escriptores.

Sentados no assás photographado penedo da Itapuca, tristonhos como Mario sobre as ruinas de Carthago, com

o queixo fincado na mão em concha e o cotovello espetado no rochedo agreste, quedamo-nos, ha dias, a meditar sobre o caso.

Favónios sopravam tépidos e a brisa vinha impregnada da frescura salina da barra. De repente, com o primeiro raio do sol nado, entrou-nos subitaa inspiração! E' isto. Vamos tornar o dicto certo.

E imaginámos estabelecer de uma vez para sempre a einpirica e nebulosa instituição do Elogio Mutuo. O burguez ha de fazer-nos o favor de confessar que a maluquice podia nos dar para fazer coisa peior, mais calamitosa e mais terrivel. — Podia nos dar, por exemplo, — como já tem acontecido a alguns desalmados, — para fundar uma associação de soccorros mutuos. Confesse o carissimo burguez amigo que isso seria peior.

Pensar na coisa e tractar de a pôr em execução foi obra, — já se sabe — de um momento.

Para isso, pois, resolvemos abrir no proximo numero d'*A Semana*, a secção escandalosa que terá por titulo — *Galeria do elogio mutuo*.

Essa secção constará de biographias litterarias dos escriptores incursos na tal panellinha e da caricatura ou retrato do biographado. A biographia do jornalista A será escripta pelo poeta B e a do poeta B será escripta pelo jornalista A.

Por esta forma ficará estabelecido o louvor reciproco, o elogio mutuo verdadeiro, o unico verdadeiro e sem contrafacção, no qual o burquez deve, para não ser illudido, procurar na rolla a marca da fabrica, impressa a fogo, e a garantia official S. G. D. G.

A galeria começará pelo panegyrico do illustre escriptor e poeta Valentim Magalhães, escripto pelo poeta e escriptor, não menos illustre, Filinto d'Almeida.

As caricaturas serão desenhadas pelo grande caricaturista Bento Barbosa e gravadas pelo assombroso xylographo Alfredo Pinheiro.

Até sabbado.

Por lamentavel mas involuntario esquecimento não declaramos em tempo que o auctor do conto *O retardatario*, que obteve o primeiro premio no concurso por nós aberto, é o nosso prezadissimo collaborador Lucio de Mendonça. A' incognita, mas certamente gentil leitora que nos lembrou por carta aquella falta, indagando quem seria o victorioso *Concurrente* u. o agradecemos o ensejo que nos proporcionou de remedial-a.

A REDACÇÃO

HISTORIA DOS SETE DIAS

Pela ordem chronologica cabe aqui o primeiro logar á celebrada questão militar, que o nosso *Tob II* illuminou com as brilhantes fulgurações do seu assombroso talento (já que vamos inaugurar para a semana a *Galeria do elogio mutuo*, *Tob II* fica sabendo que me deve outros tantos adjectivos encomiasticos); mas, pela ordem da importancia que nos merecem a nós as questões sociaes — o que houve de mais importante nos ultimos quinze dias foi a apresentação, feita ao Senado pelo Sr. Conselheiro Diogo Velho, do projecto de lei sobre a propriedade litteraria.

A questão militar ia dando com o

Sr. Alfredo Chaves no ostracismo da ilha das Enxadas. A militância, que no fundo tinha razão, inflamou-se e começou num furor telegraphico verdadeiramente calamitoso. Aquillo é que foi quantia de telegrammas! A electricidade vio-se parva com o aço das espadas!

Felizmente para o exercito, para a armada, para o Sr. ministro e para todos nós — o governo emendou a mão e mandou suspender a execução dos avisos questionados. Assim, o ministerio conservou o Sr. Alfredo Chaves e não se estabeleceu no Brazil o deploravel systema dos *pronunciamentos*.

Verdade, verdade, os cabos de guerra deviam protestar contra os avisos vexatorios e não contra o ministro, que estava dentro da lei mandando-os executar.

Agora, o novo telegramma publicado nas folhas de hontem annuncia que o coronel Madureira recebeu a ordem do dia com a reprehensão originaria da contenda, e o conflicto parece reavivar-se, apezar da desairosa derrota do governo.

O projecto de lei do Sr. senador Diogo Velho estabelece o reconhecimento da propriedade litteraria e artistica. Depois da luminosa pagina de Alfonso Karr sobre o assumpto que elle resumiu nesta phrase axiomática — *A propriedade litteraria é uma propriedade* — nada mais pode soffrer a discussão d'este assumpto.

Dizem todos que é o imperador que não quer no Brazil essa propriedade. E' exquisito! S. M. julga-se dono da imperial quinta, dos imperiaes carros, dos imperiaes cavallos e das imperiaes canjas — que elle não ganhou com o suor do seu rosto, que não são uma justa compensação do trabalho que legitima a posse; e eu não me posso julgar dono, proprietario dos livros que escrevi, dos versos que compuz, dos productos sagrados da minha intelligencia, cujo cultivo me custou annos de estudo e sommas avultadas de dinheiro!

Mas S. M. tem razão: Elle mede a valia do labor artistico pela da quadrinha de Itu

— *O fiel povo ituano* —

pela traducção da ode de Manzoni e pela do *Pavilhão estrellado*. Quem escreveu aquelles monumentos de arte poetica de certo que os não quer para si. Não podem ser uma propriedade imperial, pertencem ao mundo pasmado. São de Itu, são da America, são da Ilha das Cobras, são do Novo Mundo, são do Becco dos Afflictos.

A proposito, convem dizer que em S. Paulo foi lembrada no dia 10, em uma festa litteraria havida em casa do Sr. Dr. João Mendes de Almeida, a criação de um instituto litterario que anime os homens de letras ao estudo da historia patria e outros assumptos de bellas artes.

O pretexto da festa foi a leitura de uma obra do Dr. João Mendes — *Algunas notas genealogicas*.

Estiveram presentes escriptores, poetas, jornalistas, lentes da Academia, homens, emfim, de nome conhecido, de todas as crenças e de todos os partidos politicos.

A *Provincia*, dando noticia da reunião, diz muito espantada:

« A' noite retiraram-se os convivas que representavam diversas opiniões politicas e philosophicas, que durante longas horas guardaram reciproca cordialidade e consideração. »

Pois será verdade? E' possivel que os cavalheiros ali reunidos, sendo de diversas opiniões politicas e philosophicas, guardassem, e durante longas horas! reciproca cordialidade e consideração?!

Nada! Eu não o creio. A *Provincia* occulta-nos alguma coisa.

O que naturalmente houve depois do banquete, foi isto, pouco mais ou menos:

Theophilo Dias, liberal, marinhou pelo conservador João Mendes acima e metteu-lhe um desaforo na orelha esquerda; Julio Ribeiro, atheu, atirou com um presunto ao peito de Senna Freitas, padre; Americo Braziliense e Rangel Pestana, republicanos, atiraram-se de cabeça sobre Martin. Francisco e Brazilio Machado, liberaes. Depois de uma lucta tremenda, os poucos sobreviventes tractaram de remover os cadaveres, do theatro da carnificina para o largo do Rosario, onde os corvos sollicitos os foram devorando pouco a pouco.

E venha-nos para cá a *Provincia* cantar lérias outra vez, ácerca da consideração e da cordialidade guardadas durante longas horas entre convivas que representavam diversas opiniões politicas e philosophicas...

Está definitivamente abolida a pena de açoites a que se condemnavam os captivos! A abolição teve o consentimento das duas camaras e teve, dizem que com gosto do imperador, a sanção imperial. Nada temos que elogiar, em bora estejamos num paiz em que bem pouca gente usa cumprir o seu dever; contudo, merece louvores o governo por ter tomado a si a tarefa de fazer passar a nova lei nas camaras.

O que é verdadeiramente inacreditavel e monstruoso, o que vexa e deslustra um parlamento inteiro é que haja dois homens com o embotamento e a obduração sufficientes para pedirem deante todos, á luz meridiana, a manutenção da barbara pena applicada aos escravos!

Isto é que é espantoso! E eu não resisto ao desejo de apontar aqui á execração da historia os nomes d'esses dois individuos: — Lourenço de Albuquerque e Lacerda Werneck.

Como veem, a chronica d'esta vez é pequena. Pequena e desengraçada. Mas tambem, com tamanha falta de espaço como ha de um homem ter graça?

FILINDAL

SOROR PALLIDA

*Bem haja inda esse raio solitario
Da luz, que, tanta, em mim resplandecia;
Esse que — unico e triste alampadario —
As ruinas d'esta alma inda alumia;*

*E a piedosa visão, que, ante o sacrario
Da antiga fé, ajoelha-se, sombria,
E, pelas negras contas do rosario,
O rosario das lagrymas desfia;*

*Bem haja essa, que, pallida e marmorea,
Do amor extincto inda soluça o nome,
Debulhando-lhe as syllabas ao vento;*

*E inda depõe no tumulo, onde a gloria,
O sonho, a vida, a luz... tudo se some,
Uma flor, uma phrase, um pensamento.*

RAYMUNDO CORRÊA.

PALESTRAS FEMININAS

AMOR CONJUGAL

Creio que poucas d'entre vós, minhas gentis leitoras, tereis lido os lindissimos contos de Paul Delair, intitulados *Contes d'á present*. São vinte e cinco contos, vinte e cinco poemas, vinte e cinco thesouros de mimo, correção e sentimento!

Ha muito tencionava falar-vos d'esse delicioso livro; tentei mesmo traduzir algumas das suas paginas luminosas e suavissimas, mas sempre uma ou outra occurrencia me obrigava a adiar a satisfação d'este desejo.

Escolhi entre todos para a nossa palestra de hoje, dia grato ao meu coração, o feliz thema: Amor conjugal — amor como o materno, feito de abnegação, paciencia e sacrificios, amenizado ás vezes por deliciosas compensações, mas onde a mulher mostra em toda a sua plenitude, a força d'alma, a delicadeza do sentir, a nobreza de caracter, a sciencia difficilissima da humildade sem servilismo, o saber desistir parecendo renunciar ao que alcançará depois pela brandura.

E' na vida conjugal, no modo pelo qual comprehendem o papel de esposa e mãe, que a mulher patenteia, a maior parte das vezes, os mysterios do amor que ahe ou unia seus paes.

Mui raramente vemos esposas bruscas, seccas, intractaveis, grosseiras, se tiveram uns paes amigos, cordatos e affectuosos no tracto conjugal.

Não resisto a tirar um exemplo claro e bello de abnegação conjugal, do que deve ser o amor de esposa, de um dos bellos contos de Paul Delair.

Vou contar-vos, pois, aqui, em prosa humilde, o que nos conta o auctor em seus formosissimos versos intitulados

O CHALE

Eram felizes. Tinham, sommada a idade de ambos, cento e vinte annos, e á força de viverem um ao lado do outro pareciam-se como se fossem irmãos. João deixara a fabrica para descançar, emfim. Joanna tomava sosinha conta do *ménage*. Pouco tinham: dous ou tres livros, os moveis luzidios e com todos os angulos polidos e arredondados pelos annos, e um chale, um rico chale comprado com sacrificio e ventura por João, para o noivado; chale que ainda parecia tornar Joanna formosa e que no inverno impiedoso, estendido sobre o leito, dava calor aos sonhos d'esse ideal par de rolinhas.

João, inactivo, sahia a passio pelo campo e sentia um ingenuo prazer em contemplar a natureza, os perfumes, os estremecimentos de azas das aves.

Um dia julgou sentir rangerem-lhe os ossos e ergueu-se como um luctador que estivesse por muito tempo curvado; então subio-lhe ao cérebro uma chama molhada de ternura... de desejos... Durante esse relampago, passou por elle uma rapariga formosa... João seguio-a.

Algum tempo depois, as boas linguas, as officiosas amigas de Joanna, vieram dizer-lhe com a consternada voz das circumstancias:

— Joanna, teu marido tem uma paixão; engana-te. A noticia suffocou Joanna, mas a sancta velou de castidade o seu triste pensamento e respondeu... sorrindo:

— Quem quer o encontra, não é assim? Pois bem, elle volta á noite para mim, e eu tenho muita alegria em vê-lo para poder ralhar-lhe.

— Mas se elle ama outra!

— Ama-me, a mim, ainda mais; per-

doemos-lhe o seu erro, até que esse erro passe; e como, certamente, não terminará sem perturbações e dores, eu quero que elle me encontre então como hoje: sempre a mesma.

—Joanna, olha ao menos para as despesas; vê que as economias acabam; quem vos sustentará?

— Seja! Eu trabalharei. D'onde tirámos nós esse dinheiro? dos seus longos sudores... Vamos! pôde dispendê-lo; pertence-lhe. Agora devo eu ajudá-lo com o meu trabalho; tenho, graças a Deus, braços e olhos. Tudo se arranjará.

— Cuidado, Joanna! Repara que o teu relógio já está empenhado!

— Melhor! pôde lá ficar. Velha, para que me serve saber que hora vae soar? E' sempre pouco mais ou menos a hora da minha partida.

E a velha esposa pensava, espreitando nos olhos do marido os progressos da dôr que o torturava:

— Pobre amigo! As raparigas são quasi sempre cruéis para os velhos; querem o luxo e a satisfação dos mil nadas em que resumem a sua louca alegria. Como elle nada mais tem, a perversa trata-o mal.

Má! E' capaz de matar-m'ô.

Nada mais resta. Não ha mais cousa nenhuma que empenhar, e João não ousa de modo algum apresentar-se em casa da sua bella; tem medo que ella, vendo-o, sem proveito, o receba com indiferença, ou—dôr peor ainda!—lhe ria em face. De repente o seu olhar torna-se fixo, espantado, procura em volta algum objecto; de subito, pâra, brilha, que vio?! O chale; o presente de noivado, sobre a cama que torna ainda brilhante com o seu humilde esplendor, sobre a cama que aquece como um ninho, quando a terra se cobre de neve.

O chale! E' bello! Vale muito dinheiro... Joanna vê, comprehende aquelle olhar; opprime-a uma angustia atroz; estala-lhe o coração... Oh! Deus!

João hesita... calcula, talvez... sacode com energia na sombra a sua cabeça branca, e afasta das grandes flores amarellas do chale, os olhos humedecidos... fita-os no chão... depois sâe, lentamente, com as mãos vazias.

Joanna fica só; chora sobre o leito respeitado:

— Ah! que medo tive! Meu Deus! se elle o tivesse levado! Tudo acabaria.

O meu chale! Elle não o levou... Como sahio tremulo, pallido! Como soffria! Ah! O velho amor venceu o outro... mas como aquelle coração sangrou!... Cruel! estou contente emquanto elle chora! Tem a cabeça tão fraca! quem sabe qual foi a idéia que o fez sabir agora... Iria a casa da... outra? Parecia louco... tenho medo! Se essa mulher o expulsar?! Pobre alma! talvez a dôr o faça querer morrer! João, João, para que me poupaste? Aqui tens, toma o chale, vae vendê-lo ou empenhal-o!

E tremendo, delirante, arranca do leito o chale, e sâe.

Ei-la na rua. E' elle! Uma porta aberta e uma janella illuminada prendem os olhos e a alma de João. Aquella janella parece uma ardente mancha cor de rosa, na fronte negra da noite. E' a casa da... outra. Joanna, vae-te embora... elle sobe... vae-te, Joanna, que vergonha! vae gelar-te ali!... Que neve! que intenso frio! Todas as ossos estão transidos, todos os corações afogados... Os transeuntes semelham sombras que fogem, escondendo as cavidades dos olhos, cheias de chuva.

Que esperas, Joanna?

Não. Ella adivinhou. Expulsaram o infornunado velho. Eil-o que desce cambaleante, livido e como que insensível.

— Expulsal-o! Com um tempo d'estes! pois é possível? Oh! estas mulheres não têm coração!

Ao peso do hynverno e da idade—outro hynverno ainda mais sombrio e amargo—elle, como um cêgo, vae arrastando a sua agonia, ministro e subitamente curvo, castigado! Encosta-se ao muro, tomado do frio e do remorso, e exclama:

— Senhor! Senhor! piedade! a morte, a morte!

Nisto, sente cahir-lhe sobre os hombros regelados um longo e morno manto que uma mãosinha acariciadora lhe prende ao pescoço, cuidadosa... depois fazem-no entrar em casa.

Eis a esposa que, com um olhar joven e amante, curva sobre elle a sua cabeça branca, não como a neve, que traz o frio traidor e subtil, mas como a florida maceira de um Abril eterno. Ella sorri... encontram-se de novo as suas mãos frementes e eil-os, como no tempo dos primeiros ardores, envolvidos nas amorôsas pregas do chale qua elle não quiz vender. Olham-se. Ella é mais bella, ella é mais amada ainda que no tempo da sua plena juventude; elle sente-se bem! perdoado! feliz!

E ambos, mudos e unidos, choram longamente.

Aqui termina o conto. E' bello! não é verdade? o vulto d'esta mulher purissima! Felizmente para nós, não temos sempre occasião de dar prova tal de amor e abnegação aos nossos esposos; mas devemos estar preparadas para sermos o seu amparo e a sua força.

Quanta vez um olhar cheio de doloroso perdão, faz voltar do trilho errado um coração que nos pertence e é toda a nossa ventura! E' amando muito, amando como Joanna, que suavisaremos as agruras da nossa estrada, amenisada muitas vezes por deliciosas compensações.

ADELINA A. LOPES VIEIRA

NOTAS BIBLIOGRAPHICAS

Sob o titulo exquistorio de *Philologica* (que deve significar *amor da critica*) publicou o Sr. Arthur Orlando, em Pernambuco, um volume de cerca de 230 paginas, elegantemente impresso, prefaciado por Izidoro Martins Junior, o poeta *scientificista* das *Visões de hoje*. Compõe-se de seis artigos—estudos, já anteriormente publicados na imprnsa pernambucana: *A alma da mulher russa*, *Theorias litterarias no Brazil*, *A Poesia Scientifica*, *Menores e loucos*, *Physophilia processual* e *Um rei philosopho*. E' obra de não pequeno merecimento litterario e scientifico, escripta com independencia, illustração e bom senso. *Rara avis*, portanto.

Com o titulo *Poemas em prosa* traduzio Argymiro Galvão trinta pequenos contos e fantasias de Ivan Tourguéneff, e fel-os imprimir nitidamente, na cidade de Porto Alegre.

Chega-nos do Recife a segunda edição das *Visões de hoje* por Izidoro Martins Junior; vem completamente refundida e acrescentada de uma *Synthese artistica*.

A divisa do vigoroso poeta é *Laboremus et progrediamur*.

Todos estes trabalhos hão de ter apreciação especial, pois o seu merecimento peelle mais do que simples notas bibliographicas: pede *notas criticas*.

Já chegou de Lisboa a edição dos *Contos Infantis*, o bello livro das nossas Exmas. collaboradoras DD. Adelina Vieira e Julia Lopes.

V. M.

Morria-se de amor; vive-se d'isso.

LUCIO DE MENDONÇA.

BEIJO ETERNO

Quero um beijo sem fim
Que dure a vida inteira e applaque o meu desejo!
Ferve-me o sangue... Acalma-o com teu beijo,
Beija-me assim!
O ouvido fecha ao rumor
Do mundo e beija-me, querida!
Vive só para mim, só para a minha vida,
Só para o meu amor!

Fóra, repouse em paz,
Dormida em calmo somno a calma Natureza,
Ou se debata, das tormentas préssa:
Beija inda mais!
E, enquanto o brando calor
Sinto em meu seio de teu seio,
Nossas boccas febris beijem com o mesmo anseio,
Com o mesmo ardente amor!

De arrebol a arrebol
Vão-se os dias sem conto, e as noites, como os dias,
Sem conto vão-se callidas ou frias!
Rutilo o sol
Esplendido e abrasador...
No alto as estrellas coruscantes,
Tauxiando os largos céos, brilhem como diamantes...
Brilhe aqui dentro o amor!

Succeda a treva á luz...
Vête a noite de crepe a curva do horizonte,
Em veos de opala a madrugada aponte
Nos céos azues,
E Venus, como uma flor,
Paire a sorrir do Oriente á porta,
Paire do Occaso á entrada... A treva e a luz que im-
porta?
Só nos importa o amor!

Raive o sol no verão!
Venha o Outomno! Do Hynverno os frigidios vapores
Toldem o céo! Das aves e das flores
Venha a estação!
Que nos importa o esplendor
Da Primavera, e o firmamento
Limp, e o sol scintillante, e a neve, e a chuva, e o
vento?
Beijemo-nos, amor!

Beijemo-nos... Que o mar,
Nossos beijos ouvindo, em fasma a voz levante!
E cante o sol! a ave desperte e cante!
Cante o luar,
Cheio de um novo fulgor!
Cante a amplidão! cante a floresta!
E a Natureza toda em delirante festa
Cante, cante este amor!

Rasgue-se à noite o véo
Das neblinas, e o vento inquiria o monte e o valle :
— Que beijo é aquelle? — E uma aurea estrella
falle
Do alto do céo
Ao mar, préza de pavor :
— Oves? que agitação é aquella? —
E o mar adoce a voz, e á curiosa estrella
Responda que é o amor...

E a ave, ao sol da manhã
A aza de ouro batendo, á estrella que palpita
Murmure, ao vél-a desmojada e afflicta :
— « Que beijo, irmã !
Pudesses ver com que ardor
Elles se beijam loucamente ! — »
E inveje-nos a estrella... e apague o olhar dormente,
Morta, morta de amor !

Dá-me um beijo sem fim,
Que dure a vida inteira e applaque o meu desejo !
Ferve-me o sangue... Acalma-o com teu beijo,
Beija-me assim !
O ouvido fecha ao rumor
Do mundo, e beija-me, querida !
Vive só para mim, só para a minha vida,
Só para o meu amor !

OLAVO BILAC.

JORNAL E REVISTAS

Temos o prazer de saudar um novo collega, o *Gryphus*, revista litteraria, humoristica e illustrada, cujo primeiro numero appareceu no dia 9 do corrente. E' redigido por Henrique Stepple e desenhado pelo Netto. Seu programma, resumio-o nesta quadra, que, como observou *Rialto*, não é no genero modestia propriamente uma violeta :

« A critica polida, a critica elegante,
« Que toma por legenda o classico *Ridendo*,
« Que tem na flor do labio um *gripho* hilariante,
« Eis, leitor, a missão que realizar pretendo.

No texto, diz que será o riso o seu companheiro de jornada e que, sem compromissos politicos, faz suas todas as grandes causas pelas quaes se bate a imprensa adeantada.

Os desenhos são dos melhores que tem feito o lapis do Netto e o texto alegre, leve e inoffensivo.

Desejamos ao *Gryphus* vida igual á de Chevreul.

M.

AQUI, ALI, ACOLÁ

Falleceu recentemente em Aden o celebre viajante francez Paulo Solillet, em consequencia de uma affecção adquirida nas suas explorações africanas, Abrio ao commercio francez Chóa, Obok e outras regiões da Abyssinia, e projectava ir do Senegal á Algeria por Tombuctú. Foi o terceiro dos tres unicos europeus que conseguiram penetrar no oasis d'In-Calahs. Os dois primeiros foram o commandante inglez Laing, em 1826, e o allemão Rolhfs.

A 17 do corrente será inaugurado no *square* Vintimille o monumento dedicado á memoria de Berlioz, cuja estatua foi executada por Alfredo Lenoir.

Os crimes multiplicam-se em Pariz. São numerosissimos os casos de reincidencia e os batoteiros (*souteneurs*). Os assassinos cada dia inventam um requinte inédito de perversidade. Ultimamente, na rua Albouy, foi encontrada dependurada a uma janella a cabeça de uma mulher. Um horror !

Graças a um mysterioso e maravilhoso elixir, de sua invenção, o viajante italiano Succì consegue passar longo tempo sem ingerir alimento, solido ou liquido, de nenhuma espécie. As ultimas datas estava elle no 80º dia de jejum absoluto, sem que nelle se pudesse observar o minimo signal de desfallecimento physico ou moral. Muitissimo teria que ganhar a sciencia com o estudo d'esse estupendo phenomeno.

PASEPARTOUT

THEATROS

RECREIO

Ha muito tempo que o nosso theatro se resentia da falta de uma actriz de primeira ordem, que pudesse arcar com as damas galans do drama moderno. Agora, Ismenia, que ha cerca de quatro annos abandonára o palco fluminense, apresentou-se de novo e, com o primeiro papel de que se incumbio, reconquistou o seu posto de honra, o seu logar de nossa primeira actriz dramatica.

As principaes qualidades artisticas da Sra. Ismenia são o sentimento e o calor dramatico; e era isto exactamente o que nos faltava, o que nos faltou sempre no largo periodo da sua ausencia, mesmo quando a companhia do D. Maria II, de Lisboa, embasbacava os frequentadores do Recreio deante a Sra. Virginia, a quem elles, no excesso da inconsciente admiração, pediam bis nos finais de acto.

A *Martyr*, tirada por E. Tarbé de um romance de d'Ennery, conservou todas as excepçoes qualidades d'este dramaturgo excepcional, d'este incomparavel arranjador de entrecos e de situações dramaticas, as mais commovedoras e as mais imprevistas. D'Ennery tem num só acto do qualquer das suas peças lances e grandes scenas para tres ou quatro dramas de effeito !

A *Martyr* é uma das peças mais bem acabadas e mais perfectas do genero D'Ennery. O primeiro acto é o que se chama o acto da *exposição*; e esta é tão bem feita, que o espectador começa logo a entrever que ali se vae passar um drama de seiscentos diabos, porque aquella intriga de borracha, esticada por D'Ennery até ao quinto acto, ha de por força estalar ruidosamente ali pelas alturas do terceiro ou do quarto acto. Pois não, senhores. E' logo no segundo ! A situação complica-se por tal forma e de tal arte, que logo no segundo acto ha nada menos do que—uma mãe culpada, um filho arrependido, um marido ciumento, uma esposa accusada injustamente e que aceita a accusação para salvar a mãe, e mais um assassinato a tiro, á vista do espectador, uma scena de loucura, uma tremenda maldicção paterna... o demonio ! Materia para dois ou tres dramalhões de primeira ordem, tudo resumido num só acto, no segundo, em uma peça que só tem cinco. Imagine-se que *topete* é necessario ter-se para depois d'este acto

fazer mais tres sem que o espectador mande tudo aquillo á fava ! Pois D'Ennery e Tarbé fizeram os outros tres actos, e no fim ainda alguns espectadores queriam um epilogo—le quebra !

No quarto acto ha um acunulo tremendo de situações vehementes e o final é verdadeiramente bello e de uma fina observação psychologica !

Não relatamos aqui o complicadissimo entrecos da peça porque o leitor não deixará, por certo, de ir ao Recreio ver a *Martyr*, tão bellamente traduzida pelo nosso collega Henrique Chaves.

Além da extraordinaria belleza do drama, ha ainda o atractivo do bom e harmonico desempenho que lhe dá a companhia Dias Braga.

Ismenia faz de uma maneira superior e notavel o difficilissimo papel de Lourença (a martyr). O seu trabalho começa a destacar-se poderosamente desde a primeira scena com o irmão. Vê-se bem pela justeza das inflexões, pela natural propriedade do gesto e do accionado, pela convicção da phrase e pelo calor da enunciação, que a artista está na inteira posse e na perfeita comprehensão da sua personagem; depois, nas terriveis scenas de grande violencia que se succedem, o seu trabalho vae progressivamente augmentando de relevo e de vehemencia, até á grande transição da loucura, depois da maldicção paterna e subseqente scena final.

O trabalho de Ismenia no segundo acto é um dos mais difficeis e dos mais brilhantes que ultimamente temos admirado. E' mais do que notavel:—é soberbo, altamente dramatico, tem o quer que seja de excepcional e de magnifico !

No quarto acto são tambem admiravelmente representadas por ella as scenas com os paes; e a scena com a filha é jogada toda com adoravel delicadeza e com profundo sentimento, como a situação permite ou, melhor—exige. A grande scena com o ex-marido, que fecha o acto, foi executada com extrema habilidade, com grande calor, com abundancia de vida, e a bella phrase final, resumo de todos os encontrados sentimentos e da immensa ventura e paz de espirito que a determinam, foi admiravelmente dicta, demonstrando a alta comprehensão d'aquella parte estupendamente romantica da peça.

O quinto acto teve um desempenho igualmente notavel. Emfim: o papel de Lourença é, sem duvida, um dos melhores, mais perfectos e mais estudados que temos visto feitos pela excellente artista que o nosso publico vae ter occasião de admirar agora, e por muito tempo, esperamol-o.

Mas não é só o papel da protagonista que é bem desempenhado. A *Martyr* tem um desempenho muito bom, por parte de todos os artistas; todos muito afinados, muito certos, muito bem ensaiados.

Clementina fez encantadoramente o papel de Paulina. O segundo acto é todo seu. A scena com a madrastra foi feita com muito relevo e com muita altivez.

Helena Cavalier, no ingrato papel da falsa duqueza de S. Lucas, fez o que nelle era possível fazer. Foi dissimulada sempre e sempre correcta. Além d'isso, vestio-se admiravelmente em todos os actos, com muita elegancia e bom gosto; o que mostra a comprehensão que a artista teve da sua antipathica personagem.

Leolinda fez com muita distincção a sofredora Sra. de la Marche. As scenas do segundo acto, as do quarto e as do quinto foram representadas com expressão e talento.

Eugenio fez muito bem o papel de conde de Moray. E' notavel o seu trabalho do segundo, assim como o do quarto acto em toda a scena com Lourença. A desesperada confissão, no final, foi feita com muito talento. Todo este difficil papel foi conduzido com habilidade e representado com distincção.

Dias Braga quasi nada tem que fazer no pequeno papel de almirante de la Marche. Comtudo aproveitou bem as situações do segundo e do quarto acto.

Maia fez um optimo Elias Drack. Teve todo o aprumo do excentrico diplomata inglez e foi muito feliz nas scenas do segundo acto com Paulina e nas do quarto acto com os de La Marche e Lourença.

Castro tambem fez muito bem o seu pequeno mas importante papel de Roberto. Teve muita expressão e sentimento na bella scena com a mãe e nas seguintes com Lourença e Moray.

Domingos Braga esteve um bom *partife* no papel de Palmieri.

Rangel e Sepulveda, nos papeis dos criados Francisco e Maitar, secundaram bem os seus companheiros.

A peça está montada com muito apuro, com um certo luxo, e os scenarios, do Sr. Coliva, são bons e de bello effeito.

A traducção é fluente e correctá.

Emfim, *A Martyr* é um bello espectáculo e o Dias Braga encontrou peça para, com relação ás enclentes, substituir dignamente *O Conde de Monte Christo*.

SANT'ANNA

MME. DELMARY

Na terça feira, 12, realisou-se o beneficio de uma das mais amáveis, mais distinctas e mais sympathicas actrizes dos nossos theatros—Mme. Delmary Representou-se, em quarta representação, o *Heroe á força*, e, em seguida, houve um brilhante intermedio, no qual a beneficiada cantou—pela primeira e ultima vez—a valsa *Cœur crudèle*, escripta pelo barytono Russo. A valsa não nos pareceu vulgar e a sua execução foi magistral. Foram muito applaudidos Mlle. Oudin, na valsa *A Primavera*, o tenor Nino em uma aria da opera *Esmeralda*, Mattos na cançoneta franceza, adaptada por Baptista Machado—*A minha familia*, e a Sra. Bellegrandi no romance da opera *Mignon*, que foi cantada com expressão e muito mimo.

A beneficiada recebeu innumerous *bouquets* e valiosos presentes, além de muito applaudida e festejada pelo publico. Foi uma justa homenagem á gentil senhora, e talentosa cantora que a todos captiva com a sua bondade e a extrema delicadeza das suas maneiras.

P. TALMA.

OS OLHOS

(SULLY-PRUDHOMME)

Azues ou pretos, bellos e adorados,
Olhos mil contemplaram o arrebol;
Hoje dormem nos tumulos gelados...
E emtanto, inda no céu ergue-se o sol!

As noites, mais que os dias agradáveis,
Têm dado encanto a inumeras retinas;
Brillam sempre as estrellas inmutáveis
Mas encheram-se os olhos de neblinas!

Que elles tenham perdido o olhar brilhante
Não é possível, não; não é possível!
Voltaram-se pr'a algum ponto distante;
Pr'aquillo que se chama o — invizível.

Os olhos — como os astros refulgentes,
Que embora os não vejamos, 'stão no céu —
Os olhos tambem têm os seus poentes,
Mas não morrem da morte sob o véu.

Amados, pretos ou azues, abertos,
Talvez, a alguma aurora extranha, infinda,
Da cova além, de terra já cobertos,
Os olhos, que fechámos, vêm ainda.

HENRIQUE DE MAGALHÃES

CONSELHOS SALUTARES

REMEDIO CASEIRO CONTRA O CANCER

Uma senhora respeitavel, fazendeira em Campos, muito curiosa em questões de medicina pratica e dada a curativos, durante inuitos annos, em grande numero de pessoas empregadas nas suas terras, na falta de um profissional, referio-nos que conseguiu curar dous casos de cancro, com o seguinte tractamento:

Cataplasma de folhas soccadas de herva moura, feita em vinagre branco de Lisboa e pulverisada com uma pitada de arsenico. applica-se sobre a ferida, humedecendo-a constantemente com o mesmo vinagre, sem extrahil-a, até que caia.

A cataplasma adhére ao cancro, de tal modo que, ao cair, arrasta comsigo todo o tecido alterado pela affecção.

Simples noticia, bem localisada nesta secção dedicada aos que soffrem,ahi fica registrada, deixando aos homens da sciencia o direito e a liberdade de investigar onde está a causa e a verdade da energia de tal medicação.

DR. SAHEN

SPORT

Apezar do tempo chuvoso, no domingo passado, o Prado Villa Izabel realisou as suas corridas com bastante concurrencia e animação.

Eis o resultado:

No 1º pareo (1000 metros). vencedor *Africano* em 71 segundos, tendo partido um pouco atrazado, mas fez boa corrida lutando com *Bolero*, que chegou em 3º sendo apenas por insignificante differença batido por *Guacho* que chegou em 2º. Este pareo foi regularmente disputado.

Tambem correram *Moema*, *Ella* e *Baraguay*. *Teriba*, *Eureka*, *Lincoln* e *Nemo* não correram.

No 2º pareo (1450 metros). vencendo *Monitor* em 100 segundos, sem grande esforço. *Chapecó* em 2º e *Pip* em 3º; *Feiteira* em 4º

Tambem correram *Kaly* e *Argentina*.

No 3º pareo (1000 metros) correram *Onix*, *Paulicéa*, *Apparecida*, *Ivon*, *Villa-Nova*, *Araby* e *Douro* que em 70 segundos bateu os seus adversarios, contra a expectativa geral. *Araby* chegou em 2º porem esbarrado pelo seu jockey que propositalmente perdeu a corrida em favor de *Douro* que por patota obteve a

victoria. O Jockey do *Araby* foi suspenso por um anno. *Villa-Nova* chegou em 3º e *Ivon* em 4º; os outros parceiros chegaram na bagagem. Não correram *Americana*, *Saltarelle*, *Doge*, *Morena*, e *Intima*.

No 4º pareo (2600 metros) venceu com facilidade em 184 segundos o valente *Druid*. *Boyardo*, que chegou em 2º, fez boa corrida. *Guanaco* fez triste figura e ficou distanciado.

No 5º pareo (1800 metros). venceu facilmente *Coupon*, em 126 segundos apezar de estar adoentado, proveniente de um resfriamento. *Plutão* chegou em 2º seguido de *Diomedé* que fez uma brilhante corrida, batendo-se galhardamente com os seus adversarios, conservando-se durante a corrida quasi sempre na ponta. *Peruana* chegou em 4º. Não correram *Françoise* e *Cheapside* que depois de pezado o jockey e terem-se vendido *poules* foi retirado pelo seu proprietario, que, não allegando motivo justificado, foi energicamente punido pela digna directoria, com a multa de 500\$000.

No 6º pareo (1609 metros) *Monitor* novamente bateu os seus competidores em 108 segundos, demonstrando estar bem tractado. *Araby*, que no 3º pareo perdeu propositalmente fez melhor corrida chegando próximo a *Monitor*. *Bayoco* chegou em 3º fazendo má corrida, apezar de ter sido perseguido por *Ivon* que chegou em 4º. Tambem correram *Mandarin*, *Caporal* e *Bonita*, *Biscaia*, *Intima*, *Douro*, e *Saltarelle* não correram.

No 7º pareo (1000 metros) venceu com facilidade, em 67 segundos, *Gaudriole*. *Peruana*, chegou em 2º parecendo-nos estar mais aligeirada. *Speciosa* e *Gazida* fizeram triste figura. *Pansy* ficou na partida, *Frou Frou*, *Suamp* e *Africana* não correram.

Em nossa ultima pagina se acha impresso o excellente programma da corrida que o Jockey-Club realisará amanhã.

L. M. BASTOS.

TRATOS Á BOLA

Pirolito que bate, que bate,
Pirolito que já bateu;
Quem gosta de mim é elle,
Quem gosta d'elle sou eu!

(Cancioneiro das freiras do Mosteiro da Chimarrita.)

Esta epigraphe quer dizer que retomo o meu posto de *grão tratista*, exonerando interinamente o meu jejuativo collega Fr. Simplicio.

As charadas passadas foram decifradas pelo Sr. *Carapetão*, e não acertaram os Srs. *Pépé*, *Sancho*, *A. Eloy* e *Anvicor*. Desde que se dá uma cousinha mais difficil ninguem acerta. *Proh-pudor!*

As decifrações dos *tratos* ultimos são estas:

Das charadas — *Calado*, *Perola* e *Covado*; das perguntas *Sombra* e *Lima* (Perú) os nomes do triangulo:



passando logo em seguida a desenrolar as charadas (quem as decifrar, bom premio hade chuchar.).

ANTIGA

Na tina da Samaritana
Haveis de achal-a até de sobra—1
Ella que é bicha d'agua, e mana
De um bicho feio como cobra!—1

Tão contrahida encontro-a hoje,—1
Quasi juntando a perna ao peito,
Que todo o mundo d'ella foge
E quasi eu fujo a dar conceito.

TIBURCIANAS

I

2-2— Na lagoa coisa nenhuma re-
fresca.

II

4-1— Quem pede faz chorar no fóro.

III

2-2— Curando o medico vóo.

PERGUNTAS

I

Qual a metade... do pé?

II

Que cor pinta o pintor nos ares?

III

Qual o verbo que, num certo tempo
de um certo modo carregado, *emfim*,
fica com penna e canta?
Até sabbado piedosos irmãos.

FREI ANTONIO

FACTOS E NOTICIAS

S. DE CONCERTOS CLASSICOS

O primeiro concerto com grande
orchestra eralizado no dia 11, no salão
do Novo Cassino, sob a direcção do
projecto maestro e sublime violinista
White, foi surpreendente, acima do
que se esperava, e produziu geral
entusiasmo. O excellent resultado do
primeiro concerto com grande or-
chestra deve ter animado o Sr. White
à realisação de outros.

CORREIO

Sr. Alexandre Dias.—Eu só queria que
me apontassem a pessoa que lhe foi
dizer que a redacção d' *A Semana* é hos-
picio de alienados, para que o senhor
mandasse para cá as suas *Rosas Lou-
cas!* (*) Ora dá-se! Vejam só este ter-
ceto:

«As musas ouvindo-lhes a doce melodia
Baixam do azul dizendo:—São ricas de magia,
Poeta, as flores que o céu da poesia toucas.»

Toucas?

Era melhor que o homem dissesse:

Que o céu da poesia... causticos na nuca.

Com que então, meu caro Sr. Dias,
na sua terra dizem que o senhor tem
veia poetica, hein? e não dizem tam-
bem que tem pancada na bola? Pro-
vavelmente foi vossa mercê o auctor
d'esta quadripha popular:

(*) Offerecidas ao auctor do *Baile das Mu-
mias*. Comprehen-de-se...

«Trepei no pé de tomate
P'ra colher um caixo d'uvas;
Vem o dono dos marmellos:
—Quem te deu estas goiabas?»

Foi com certeza. O seu soneto pre-
cisa mais mettido em uma camisola de
força do que em letra redonda.

O senhor andaria muito bem se pu-
blicasse um intitulado *Rilhasoltes poe-
tico*; no qual a gente encontrasse:
*dhalias allucinadas, camelias idiotas, man-
geronas pancadas, mangericoes com uma
aduella de menos, cravos malucos e assini*
por deante.

Boa noite e... banhos frios.

Sr. *Ali-babó-Vó*.—SS. pelo modo por-
que se assigna parece ter vindo da terra
dos traques! Ora que passasse muito
bem! Vamos lá a ver o seu sonetinho.
Intitula-se elle *A crioula* (maganão!)
Começa por este modo:

«A crioula, meu Deus! era a alegria
De todos os rapazes da cidade!»

(inclusive o auctor, já se sabe) e acaba
assim:

«Todos, todos, pai, mãe, mano e mana (ull!)
Da familia mais pobre ou mais rica
Rião ao ver a lustrada safardana!»

Que limpeza de soneto, hein?

Olha empreza Gary para um!...

Sr. *Jaão Marques de Carvalho A. J. Mat-
tos Junior*.—Uff! estou botando a
alma pela bocca! O senhor, ao menos
pelo comprimento do nome, já pôde
dizer que é notavel! Já houve um
bardo que se lembrou de dizer que o
director d'esta folha é o emblema da
litteratura; eis que ven agora Vmc.
desengatilhar-lhe este elogio quando
elle menos esperava: «*indefesso sacer-
dote das letras*.» Ora livre-se um homem
de uma d'estas! Agora saibamos: Quem
lhe foi dizer que *A Semana*, conforme o
senhor se expressa na sua carta,—é um
bello *jornal periodico e hebdomadario*?
Ora esta não lembrava ao diabo!
Daquelle Parã sempre sae cada cousa...
Sim, porque o senhor, como o declara
na sua carta é do Parã, não é verdade?
Pois meu amigo, aqui, os poetas que
desconjuntam versos e, como lá, vão
às ventas da syntaxe e trazem o senso
em pandarêcos, pagam pela publicação
dos seus sonetos capengas, nos *apellidos*,
nada menos de 48; e creia que é uma
bagatella! Infelizmente... *A Semana* não
tem secção publica onde poetas vadios
possam verter... sonetos.

Sr. *Junio Senilis*.—Sentimos não poder
dar publicidade ao seu conto:—*ts duas
escravas*; porque, conquanto V. não
disponha de estylo, como o que se re-
quer dos que são verdadeiros escri-
ptores, não pecca, contudo, pelo des-
respeito á grammatica; como acontece
quasi que geralmente. Demais a mais,
é nobre e bonita, não obstante ser bem
pouco original, a idéa do seu conto. Ti-
vesse o senhor engalanado um pouco
mais o seu estylo, tivesse-lhe incutido
um pouco mais de vigor e feito em meia
ou mesmo numa tira de papel oque fez
em duas e meia que, então, outro gallo
lhe cantara.

Sr. *B. L.*—Na impossibilidade de dar
á estampa a sua oitava em septissyl-
labos, fizemos d'ella exactamente o
que o senhor nos aconselhou que
fizemos na nota que a acompanhava.

Sr. *Edmundo de Barros*.—A terrivel
falta de espaço faz com que, pelo menos
presentemente, não possamos publicar
a sua poesia: *Manhã de despedida*. Se
fosse mais curta poderia inseril-a
mesmo nesta secção; mas é um pou-
quinho longa. Em todo caso, por es-
perar não perde.

ENRICO.

RECEBEMOS

— *A Illustração*, 3º anno n. 16 Um bello re-
trato de Listz e outras excellentes gravuras.
Texto esplendido.

— *Facetas*, livrinho minuscuro (contos e ver-
sos) por Gaspar de Barros Falcão (S. Paulo)

— *O Doceiro encyclopedico*, contendo receitas
para a confecção de doces, pasteis, pudins,
massas, pães de lot, bolos, licores, varopes,
refrescos e sorvetes, por E. Ferreira; edictor
Serafim Alves. A linguagem não é boa, a
revisão do livrinho foi má, mas são excel-
lentes e numerosissimas as receitas. Recon-
mendamos este *Doceiro* ás doceiras.

— *Fabulas de Lafontaine*, fasc. n. 12, com
que termina o 2º livro; *Bibliotheca do Povo e
das Escolas*, n. 135, em que Antonio Maria
Baptista tracta da *Civilidade*. E' edictora a
casa D. Corazzi.

— Da casa sem rival dos Srs. Nicoud & C.
o n. 37 do 11º anno do jornal *Le salon de la
mode*, que traz muitas e bellas cousas para o
bello sexo.

— *A Estação*, n. 18 do 15º anno, excellentes
e variados moldes, figurinos e padrões; o
supplemento litterario traz uma linda gra-
vura *Partida para a caçada*, um bello soneto
de Luiz Dellino, umas bonitas trovãs ciganas
e a interessante *chroniqueta de Eloy, o herói*.

— *O Pifonista* — cançoneta comica por Al-
fredo Rocha.

— *Sons e Brados* — Versos do Sr. Claudino
dos Santos.

— Do intelligente e esperanço compositor
Francisco Braga, alunino do Asylo dos Men-
inos Desvalidos, recebemos um exemplar
do bellissimo tango — *Boreas* e outro da deli-
ciosa polka *Phrinéa*.

— *Relatorio do Banco do Brazil* — apresen-
tado na as-semblea ordinaria d'este anno pelo
seu presidente Conselheiro Machado Coelho.

— *Historia de Gil Braz de Santilhana*, fasc. n.
42, primeiro do 2º volume (livro sexto.)
— *Fabulas de Lafontaine*, fasc. n. 13, 1º do livro
3º. gravuras magnificas.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Maga-
lhães é encontrado no seu escriptorio
todos os dias, das 10 horas da manhã ás
3 da tarde—*Rua do Carmo n. 36*.

Dr. João Botelho, medico
e operador; molestias venereas, syphi-
liticas e das vias urinaarias. Operações
de pequena e alta cirurgia. Applica-
ções medicas e cirurgicas de electrici-
dade. Rua dos Andradas, n. 51, por
cima da antiga pharmacia Fragozo, das
12 ás 3 horas.

Dr. Netto Machado (medico e
operador.) Esp. Molestias da pelle e
syphiliticas. Cons. rua do Visconde de
Inhaúma, 31, do meio-dia ás 2 horas.

Dr. Araujo Filho — Medico par-
teiro; Residencia, rua Visconde do Rio
Branco, nº. 36

O MONITOR

CHRONICA DOS FACTOS

PROPRIETARIOS

DOLIVAES & NAVARRO

ESCRITORIO E REDACÇÃO

59 RUA DE S. BENO 59

S. PAULO

Agencia na Côte para assignaturas
e annuncios—Becco das Cancellas, 1 D.

Pela sua assignatura baratissima «O
Monitor» já alcançou grande e larga
circulação nesta provincia, na Côte e
em muitas outras localidades do im-
perio.

COLLEGIO SÃO PEDRO DE ALCANTARA

EM PETROPOLIS

Reabrir-se-ha no dia 1 de Janeiro de 1887 este segundo estabelecimento, debaixo da direcção do Dr. A. Zeferino Candido.

O collegio da Côte continúa, como até aqui, a cargo do director João Lopes Chaves e com o seu antigo pessoal.

As condições de admissão, preços programmas, methodos e disciplina são perfeitamente eguaes para os dous estabelecimentos. E' facultativa a escolha do collegio para todos os alumnos.

No inverno descerão para o collegio da Côte, acompanhados pelo seu director e mestres, os alumnos de Petropolis, para continuarem sem alteração os seus trabalhos.

Informações, matriculas desde já, no Collegio S. Pedro de Alcantara, na Côte.

RUA DE S. CLEMENTE N. 30

OS DIRECTORES

A. Zeferino Candido.
João Lopes Chaves.

COLLEGIO INTERNACIONAL

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

PALACETE DO CURVELLO

Santa Thereza

Pode ser visitado a qualquer hora. Estatutos em todas as livrarias e na estação do Plano Inclinado.

GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

ORIENTE

E' geralmente conhecido como uma especialidade no seu genero o *Café Oriente*, da fabrica a vapor do Pinto Moreira & C.

DEPOSITOS PRINCIPAES

25 RUA DA PRAINHA 25

9 C LABGO DO ROSARIO 9 C

47 Rua do Carmo 47

E em todas as casas que tiverem a respectiva taboleta—annuncio.

Typ. d'A Semana, rua do Carmo n. 36, sobrado.

JOCKEY-CLUB

PROGRAMMA DA CORRIDA

A REALIZAR-SE

DOMINGO, 17 OUTUBRO DE 1886

1º pareo—FERREIRA LAGE—1.450 metros—Animaos do meio sangue, que não tenham ganho este anno—Premios: 500\$ ao 1º, 200\$ ao 2º e 100\$ ao 3º

Ns.	NOMES	NATURALIDADE	PESO	PROPRIETARIOS
1	Catana.....	S. Paulo.....	50 kilos.....	J. W.
2	Odalisca.....	Idem.....	48.....	R. M.
3	Caporal.....	Idem.....	52 ».....	R. M.
4	Aurelia.....	Rio de Janeiro....	50 ».....	Antonio E. Oliveira.
5	Orpheu.....	S. Paulo.....	54 ».....	J. Lemos,
6	Guanaco.....	Idem.....	54.....	Coudelaria Mirim.
7	Morena.....	Paraná.....	50 ».....	J. L. C.
8	Peralta.....	Rio de Janeiro....	54 ».....	Herm. José da Silva.
9	Peralta II.....	Paraná.....	52 ».....	D. A.
10	Araby.....	Rio de Janeiro....	52 ».....	Mario de Almeida.
11	Bonita.....	S. Paulo.....	52 ».....	J. Machado.
12	Douro.....	Rio de Janeiro....	54 ».....	J. G.
13	Favorita.....	Idem.....	48 ».....	B. M. C. B.

2º pareo—INTERNACIONAL—1.609 metros—Animaes de puro sangue, que não tenham ganho este anno—Premios: 800\$ ao 1º, 200\$ ao 2º e 100\$ ao 3º

1	Peryl.....	S. Paulo.....	51 kilos.....	M. S. Ferreira.
2	Gazida.....	França.....	53 ».....	A. T.
3	Exhibitor.....	Inglaterra.....	55 ».....	I. S.
4	Curubaiá.....	Idem.....	57 ».....	D. F. P.
5	Speciosa.....	Idem.....	61 ».....	Coud. Internacional.
6	Diomedes.....	França.....	55 ».....	Oliv. Junior & Lopes.
7	Fanfaron.....	Idem.....	57 ».....	Idem.
8	Mastin.....	Idem.....	55 ».....	Coudelaria Cruzeiro.
9	Peruana.....	Inglaterra.....	53 ».....	J. Rocha.
10	Cheapside.....	Idem.....	53 ».....	Coudelaria Paulista.

3º pareo—YPIRANGA—1.450 metros—Animaes nacionaes de 3 annos—Premios: 700\$ ao 1º, 200\$ ao 2º, 100\$, e ao 3º

1	Monitor.....	S. Paulo.....	50 kilos.....	Coudelaria Cruzeiro.
2	Pip.....	Idem.....	50 ».....	B. V.
3	Galgo.....	Idem.....	50 ».....	S. M.
4	Dandy.....	Idem.....	52 ».....	F. Vianna.

4º pareo—MAJOR SUCKOW—1.609 metros—Animaes nacionaes, que não tenham ganho os premios «Guanabara e Cruzeiro do Sul»—Premios: 600\$ ao 1º, 200\$ ao 2º, e 100\$ ao 3º

1	Regina.....	S. Paulo.....	52 kilos.....	Coudelaria Paraiso.
2	Druid.....	Rio de Janeiro....	58 ».....	Oliv. Junior & Lopes.
3	Carmen.....	S. Paulo.....	52 ».....	Coud. Internacional.
4	Baioco.....	Idem.....	60 ».....	Oliv. Junior & Lopes.
5	Diva.....	Rio de Janeiro....	52 ».....	Coud. Fluminense.
6	Boyardo.....	S. Paulo.....	56 ».....	Coud. Guanabara.
7	Ivon.....	Paraná.....	52 ».....	C. P.

5º pareo—EXPERIENCIA—1.450 metros—Animaos estrangeiros de 2 annos—Premios: 500\$ ao 1º, 200\$ ao 2º e 100\$ ao 3º

1	Africana.....	Rio da Prata....	46 kilos.....	Olga Lopes da Costa.
2	Castellone.....	França.....	48 ».....	Coud. Santa Cruz.
3	Phenicia.....	Inglaterra.....	46 ».....	J. S. Junior.
4	Gabier.....	França.....	48 ».....	S. M.
5	Frou-Frou.....	Idem.....	46 ».....	Coud. Rio de Janeiro.
6	Frontin.....	Idem.....	48 ».....	Idem.
7	Echoron.....	Idem.....	48 ».....	S. M.

6º pareo—GUNABARA—1.609 metros—Animaes nacionaes—Premios: 1:000\$ ao 1º, 300\$ ao 2º e 100\$ ao 3º

1	Sans-Souci.....	Minas Geraes....	56 kilos.....	Coud. Internacional.
2	Talisman.....	S. Paulo.....	60 ».....	Coudelaria Cruzeiro.
3	Boreas.....	Idem.....	60 ».....	Idem Rio de Janeiro.

7º pareo—VELOCIDADE—1.000 metros—Animaos de todos os paizes—Premios: 600\$ ao 1º, 200\$ ao 2º e 100\$ ao 3º

1	Cheapside.....	Inglaterra.....	58 kilos.....	Coud. Paulista
2	Speciosa.....	Idem.....	62 ».....	Idem internacional.
3	Sylvia II.....	S. Paulo.....	59 ».....	Idem Cruzeiro.
4	Satan.....	França.....	59 ».....	Mario de Souza.
5	Peruana.....	Inglaterra.....	58 ».....	J. Rocha.
6	Charibdes.....	Idem.....	58 ».....	Coud. Rio de Janeiro.
7	Biscata.....	S. Paulo.....	53 ».....	Idem Santa Cruz.

8º pareo—DEZESEIS DE JULHO—Handicap—2.500 metros—Animaos de todos os paizes—Premios: 800\$ ao 1º, 200\$ ao 2º e 100\$ ao 3º

1	Curubaiá.....	Inglaterra.....	63 kilos....	D. F. P.
2	Plutão.....	França.....	69 ».....	Coudelaria Cruzeiro.
3	Diva.....	Minas Geraes....	50 ».....	Idem Fluminense.
4	Gaudriole.....	França.....	60 ».....	Coud. Rio de Janeiro.

O 1º SECRETARIO, H. G. FOSSOLLO,